

EDITORIAL

Categorias caras para a produção historiográfica são as de tempo e espaço; até mesmo porque a vida humana desenrola-se no quadro de coordenadas espaciais e temporais. Se não existe sociedade sem história, tampouco não há espaço sem marcas no tempo, que se cristalizam e condensam em espacialidade. Espacialidade e temporalidade são fatores importantes na constituição e no desenvolvimento das sociedades humanas. O espaço tem sido humanizado através do tempo, e do homem vem recebendo marcas indelévels, o que o transforma em um **espaço praticado**; isto é, culturalmente construído.

Os antropólogos sociais têm debatido os processos de superabundância (tanto espacial quanto temporal) que caracterizam as sociedades contemporâneas. A abundância de informações e de acontecimentos oferece ao mundo contemporâneo e/ou à supermodernidade uma noção de aceleração do tempo. Simultaneamente, as mudanças de escala e a multiplicidade de referências (terrestre, espacial e visual) dão ao espaço a mesma sensação de *encolhimento*. Tempo e espaço são categorias atualmente tidas como *aceleradas e encurtadas*.

Justamente, a reflexão interdisciplinar sobre essa intercessão entre tempo, espaço e sociedades humanas perpassa alguns dos textos que compõem o presente número da Revista **Phoïnix**. Os artigos propõem suscitar as diferentes abordagens e entrelaçamentos que os pesquisadores, em suas especialidades e interesses, possam trazer para o âmbito dos estudos antigos, assim como campos de visibilidade da vida social ainda inexplorados que permitam a compreensão das suas singularidades, constrangimentos, limites e referências móveis; e esta visibilidade nos propicia entender, através do diálogo com a Antiguidade, nossos próprios caminhos e opções.

O artigo de Alexandre Santos de Moraes pensa a categoria tempo a partir da reflexão dos critérios de definição de graus etários, considerando que as idades da vida são eventos biológicos socialmente construídos. O seu objeto de análise é a juventude do herói Aquiles, atentando para a comple-

xidade do personagem homérico. A escolha da poesia épica de Homero não necessita de muitas explicações, mas o autor reforça que o poeta oferece um espaço privilegiado para a compreensão das expectativas dos helenos dos séculos X ao IX a.C. acerca das ações sociais atribuídas a cada grau etário e conclui que o tempo social, o tempo da narrativa e o próprio curso da vida encontram-se subordinados à glória em combate, questão inicial e arbitrária para o canto dos *aedos*.

Enquanto Alexandre Moraes privilegia a categoria tempo, Cláudia Beltrão reflete em seu artigo sobre a construção espacial na sociedade romana. A sua proposta é pensar os rituais religiosos romanos como mecanismos que sacralizavam o ordenamento político e social da **urbs**, instituindo o papel e o lugar dos indivíduos na cidade, assim como suas relações com o “exterior”, num recorte cronológico que privilegia o início do Principado. Através dos rituais das *Terminalia*, que constituem um dos “ritos de fronteira”, pois se vinculam aos marcos territoriais da cidade, a autora concebe “o discurso religioso romano como parte de uma ordem social dinâmica, distinguindo aspectos de sua prática como dispositivos que instituíam uma ordem simbólica, modificando, sustentando ou consolidando hierarquias, fronteiras, poderes e suas redes derivadas, que apresentavam e representavam o mundo – social e natural”.

Deslocando o foco da sociedade romana para a grega, o artigo de Fábio Lessa e Vanessa Codeço propõe entender o ginásio como um espaço público e indissociável da dinâmica da própria **pólis**, um lugar socialmente construído, onde os valores helênicos eram exaltados através das práticas esportivas e das interações sociais. No texto, fica evidente a concepção de espaço como **lugar praticado**, estando o conceito intimamente vinculado ao cultural, social e histórico. Os autores optam por analisar o seu objeto de estudo – o ginásio como espaço de formação dos cidadãos atenienses do Período Clássico (séculos V e IV a.C.) – a partir da documentação imagética. As imagens pintadas em suporte cerâmico foram interpretadas através do método de análise semiótico proposto por Claude Calame. Ao se direcionar para a documentação imagética e para o método semiótico, o artigo de Lessa e Codeço estabelece uma interlocução estreita com, pelo menos, outros três artigos desta edição da **Phoînix**.

Ainda no contexto da Grécia Clássica, o artigo de Edson Moreira analisa as esferas/espaços de convivência e os processos de educação das

cortesãs atenienses, estabelecendo comparações com as esposas legítimas e filhas dos cidadãos atenienses. As imagens pintadas nos vasos áticos se constituem em documentação para a defesa de suas hipóteses, optando o autor pela metodologia isotópica de Greimas e Courtés, além do método proposto por Claude Bérard, para analisá-las.

Outro artigo que se centra na documentação imagética numa perspectiva semiótica é o de Regina Bustamante. A sua proposta é interpretar as representações musivas com motivo egípcio produzidas nas províncias romanas da África do Norte. O texto defende que a imagem é uma linguagem composta de signos icônicos e, portanto, passível de interpretação. Para a compreensão do modo de produção de sentidos do discurso imagético musivo, a autora aplica o método semiótico proposto por Pierce.

Mudando o foco de análise da Antiguidade Clássica para a Oriental e propondo compreender a relação entre religião e conflitos militares – a qual marcou a constituição do grande império neoassírio na Antiguidade – através da representação imagética dos simbolismos religiosos nas narrativas visuais da guerra, o artigo de Katia Pozzer defende que tais representações serviam como propaganda política, social, econômica e religiosa, com uma forte carga ideológica, que tinha como objetivo legitimar o poder dos governantes perante seus súditos, em uma tentativa de perpetuação de sua imagem e, assim, de seu poder. Reforçando que as possibilidades de interpretação semiótica do material visual são múltiplas, Pozzer aplica a proposta de E. Panofsky ao relevo sobre pedra que interpreta.

O artigo de José Antonio Dabdab Trabulsi encerra, com uma abordagem historiográfica, esta edição da **Phoînix**. Podemos dizer que o resgate de Péricles pelo século XX é o objeto de discussão do pesquisador, que propõe uma reflexão sobre o impacto do presente na reconstrução do passado, em relação ao tão citado “clientelismo público” do **estratego** ateniense.

Por fim, acreditamos que os artigos que compõem o presente número da **Phoînix** atuam no sentido de evidenciar o caráter isonômico da revista, bem como atentam para a originalidade e a singularidade das abordagens historiográficas brasileiras referentes às sociedades antigas.

Os Editores